

“O OCIDENTE TRANSFORMA OS MUÇULMANOS EM UM INIMIGO. E O IRÃ É UM PAÍS MUÇULMANO... E EU SOU UMA IRANIANA” DEBATENDO RELIGIÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM “PERSÉPOLIS” E “BORDADOS” (1978-1994)

**CAROLINE ATENCIO MEDEIROS NUNES¹;
; ELISABETE DA COSTA LEAL²**

¹Mestrado em História Universidade Federal de Pelotas –carol.atencio1@gmail.com

²Departamento de História , Universidade Federal de Pelotas – elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho compreende a trajetória de pesquisa da dissertação em andamento intitulada ““Não nos submeteremos ao Xá nem ao Aiatolá”: Religião e relações de gênero em “Persépolis” e “Bordados”, de Marjane Satrapi (1978-1994). Na dissertação, apresentamos “Persépolis”, uma *Graphic Novel*, criada pela ilustradora iraniana Marjane Satrapi, publicada em 2007 no Brasil pela editora cia das Letras. Nela, a autora representa sua trajetória durante o período que compreende a revolução Iraniana e a fundação da República islâmica do Irã, bem como sua conflituosa relação com seu país. Já em “Bordados”, publicada em 2010 no Brasil pela mesma editora, a ilustradora apresenta a relação das mulheres de sua família, apontando as relações de intergeracionalidade em sua família, trazendo em uma simples conversa o surgimento de temáticas polêmicas como sexualidade, e até mesmo o bordado iraniano, a polêmica cirurgia de reconstrução do hímen. Marjane Satrapi vive na França desde 1994, país onde concluiu sua carreira acadêmica como ilustradora e publicou suas obras, bem como “Persépolis” e “Bordados”.

Pretendemos a partir da análise destas obras pensar as relações de gênero no Irã a partir do olhar da autora Marjane Satrapi. Nessa análise será levado em consideração os aspectos religiosos de seu país, no período histórico da revolução iraniana e o período em que a autora viveu no país, de 1978 a 1994.

2. METODOLOGIA

As obras atinentes à análise neste trabalho podem ser classificadas como *Graphic Novel*, termo anglo-saxão para designar uma história produzida em formado de arte sequencial, discutindo temáticas geralmente adultas, com uma narrativa mais densa, longa e possuindo em sua maioria volume único. A autora Marjane Satrapi, esteve inserida no movimento denominado *Nouvelle bande dessinée* - onde artistas, compartilharam a ideia de que as histórias em quadrinhos não são pensadas como dependentes da historia da arte e da literatura, mas sim como um modo de expressão totalmente original. Portanto, pensando nas possibilidades de analisar uma *Graphic Novel*, consideramos a imagem como evidencia histórica, afastando-se de seu *status* apenas ilustrativo, conforme sugere Vazquez e Pires (Rodrigues, 2017), colocamos os quadrinhos e o como caminho auxiliar para refletir não apenas uma realidade histórica, “mas

também sobre o papel de catalisadoras que desenvolvem ao propagar representações acerca dessa sociedade/realidade.” (RODRIGUES, 2017 P.151). Para pensarmos o estudo sobre as relações de gênero focando no caso iraniano, partimos de questões surgidas na própria Revolução Iraniana. Revolucionários combatiam a opressão da colonização Ocidental, e algumas mulheres optaram por se apropriar do uso do véu como gesto de apoio a libertação do ocidente no país. Seguindo este raciocínio, é, portanto, errôneo impor noções ocidentais do feminismo ao mundo muçulmano. Portanto, mesmo que o olhar da autora Marjane Satrapi seja de se colocar contra a República islâmica do Irã, é necessário o olhar para o estudo de caso iraniano fugindo de construções históricas que conversam com construções hegemônicas orientalistas e coloniais da mulher muçulmana, a agenciando enquanto oprimida submissa e destituída (Kanjwal, 2011 p.2)

A dissertação é dividida em três capítulos, o primeiro que busca fazer uma contextualização da história do Irã, apresentando a relação da Revolução Iraniana a partir de contextos políticos e culturais, este busca ser um capítulo bastante didático para aproximação do leitor com a história do país, partindo para as possibilidades do feminismo islâmico, bem como denominações teóricas para este conceito, perpassando seu uso no Oriente e Ocidente. O segundo capítulo traz a relação da autora com seu país, a partir de sua visão em “Persépolis” sobre o processo histórico em que vivenciava, apresentando discussões sobre o código de vestimentas da República islâmica do Irã, e os posicionamentos de Marjane sobre este código na *Graphic Novel*. A partir desta discussão, o terceiro capítulo parte para as relações de intergeracionalidade entre as mulheres apresentadas em “Bordados” e em “Persépolis”, tratando de temas que cabem a sexualidade feminina como reconstrução do hímen, virgindade, casamento, bem como os costumes transmitidos entre as mulheres da família da autora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalhamos, portanto ao longo da dissertação seguindo pressupostos teóricos para discussão de gênero a partir da história do Irã, para isso nos servimos dos escritos de mulheres como Afary (2009) e (2011), Najmabadi (2005), Sedghi (2007), Afshar (1998), Paidar (1995), Abu-Lughod (1998) e (2012), Osanloo (2009). Estas leituras provenientes de teóricas iranianas ou descendentes muçulmanas, guiam a escrita deste trabalho, colaborando com a aproximação de um olhar local ao representado por Marjane Satrapi. As autoras apresentadas colaboram com diferentes concepções sobre as políticas de vestimenta, evidenciando a forte presença e resistência das mulheres no processo revolucionário no Irã.

Servimo-nos também de contribuições sobre a questão de entre-lugares, a partir de Bhabha (1998), Orientalismo, de Said (2007), e religião a partir de Geertz (1998) e Mata (2010) que ajudam a compreender a relação da autora com seu país, bem como os cuidados para escrever sobre o Irã sem cair em reducionismos históricos. Estes aportes teóricos colaboram para interpretações feministas sobre os direitos das mulheres na religião, principalmente no islã, ajudando na reinterpretação de fontes fundamentais do Islã, como o Alcorão, ajudando a destacar as diversas formas de resistência as estruturas patriarcais. Desta forma, reconstruímos discursos carregados de noções ocidentais que pouco falam sobre o mundo muçulmano.

4. CONCLUSÕES

. Ao pensarmos a relação da autora Marjane Satrapi com a construção de suas obras, adentramos para o universo apresentado em “Persépolis” e “Bordados”, e a partir da leitura das obras, tomamos emprestadas suas concepções sobre a Revolução Iraniana, suas consequências ao que tange o direito das mulheres, bem como a presença feminina ao longo destes processos. Juntamente com a análise da obra, as concepções teóricas a partir de mulheres Iranianas ou descendentes de muçulmanos, apresentam como as políticas de gênero foram cruciais para a validação da república islâmica. Enxergamos a partir disso as políticas de gênero como forma de legitimidade no processo político iraniano pós-revolucionário. Este ponto de vista colabora então com a visão antropológica que esta pesquisa exerce ao pensar o oriente, trazendo uma temática aparentemente distante, de maneira mais aproximada, possibilitando pensar nas lutas cotidianas de mulheres ao redor do mundo lutando contra a imposição do uso do véu, bem como a constante luta pelo direito de ser muçulmana na defesa do véu, lutando contra o ideal ocidental de mulher muçulmana enquanto submissa. Ambas lutas mostram-se firmes, e caminham ao lado de suas lutas feministas, sejam elas islâmicas ou seculares. A qualificação desta pesquisa em abril de 2018 ajudou a ampliar as concepções teóricas a serem trabalhadas, bem como uma melhor estruturação dos capítulos, a defesa está prevista para março de 2019.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Estudos Feministas**, Florianópolis. 20(2): maio-agosto, 2012, p. 451-470
- AFARY, J.; ANDERSON, K. B. **Foucault e a Revolução Iraniana**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- AFARY, Janet. **Sexual Politics in modern Iran**. New York: Cambridge University Press, 2009.
- AFSHAR, Haleh. **Islam and Feminisms: An Iranian Case-Study**. New York: Palgrave., 1998
- AFSHAR, Heleh, MAYNARD, Mary. **The Dynamics of „Race“ and Gender: some feminist interventions**. London: Taylor & Francis, 2003
- AHMAD, Ambar. islamic feminism – a contradiction in terms?. **FES India Paper**: New Delhi, May, 2015
- AHMED, Leila. **Women and Gender in Islam: Historical Roots of a Modern**. New Haven: Yale University Press, 1992
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008
- KANJWAL, Hafsa. Let's Talk About Sex and Gender: The Case of Iran A Book Review. **Al Nakhlah**: online journal for issues related to southwest asia and islamic civilization. Medford, Massachusetts Spring 2011
- MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- NAJMABADI A. **Women with Mustaches and Men without Beards: Gender and**



Sexual Anxieties of Iranian Modernity. Berkeley: University of California Press; 2005.

OSANLOO, Arzoo. **The Politics of Women's Rights in Iran**. New Jersey: Princeton University press, 2009.

PAIDAR, Parvin. **Women and the political process in twentieth-century Iran**. New York: Cambridge University Press , 1995

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Possibilidades de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017

SAID,Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SATRAPI, Marjane. **Bordados**. São Paulo: Companhia das letras, 2010

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007